



NICHOLS, Geraldine C. **Des/cifrar la diferencia**: Narrativa femenina de la España contemporánea. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 1992.

O ESPAÇO FEMININO NA LITERATURA DO SÉCULO XX

Gabrielle Mathias Amorim¹
Universidade Federal de Alfenas
(mathias.gabrielle1@gmail.com)

Escritora e professora de espanhol e de estudos de mulheres da *University of Florida*, Geraldine Cleary Nichols possui amplo interesse no que tange a literatura espanhola do século XX. Seus estudos percorrem o lugar da mulher na sociedade e o seu espaço na literatura, seja como escritora ou como personagem literária. Nichols evidencia os avanços da crítica feminista e sua importância para o crescimento do espaço da mulher na literatura, e contribui para o reconhecimento de autoras espanholas que em sua época não possuíam tal tratamento.

Em sua obra *Des/cifrar la diferencia*, Nichols constrói uma profunda visão sobre a literatura de autoria feminina e, mais que isso, abre ampla discussão sobre o espaço da mulher, principalmente no século XX, época em que a voz masculina era majoritária. Para Nichols, que possui amplo estudo de autoras como Esther Tusquets, Ana María Matute e Carmen Laforet, o uso de pronomes masculinos silencia a voz feminina, silêncio este que a crítica literária feminista deseja desconstruir.

Nichols utiliza diversas vezes em sua obra o termo *ginocrítica*, que se refere à teoria de que a mulher possui uma maneira de escrever distinta de como o homem escreve, por motivos biológicos, culturais e sociais de gênero. Difere-se da crítica feminista porque, segundo o E-Dicionário de Termos Literários de Carlos Ceia (2009), “não prevê a revisão crítica da escrita literária realizado por homens, concentrando-se antes numa escrita exclusivamente feminina”. Para a autora, quem inaugurou o termo foi Virginia Woolf, com *Um teto todo seu* (1929), por abordar uma sociedade em que a mulher é dependente do gênero masculino a ponto de não possuir espaço para sua própria criatividade e para seus desejos.

Para esclarecer as diferenças entre a ginocrítica e a crítica feminista, a autora cita Elaine Showalter, que declara que a ginocrítica vai mais além da leitura da crítica feminista, pois estuda a mulher como escritora a partir de uma análise dos temas, dos estilos, da psicodinâmica e das estruturas da escrita feminina, enquanto que a crítica feminista possuiria seu foco em uma análise da percepção feminina para com as personagens existentes em obras literárias, inclusive aquelas escritas

¹ Graduanda em Letras Licenciatura (habilitação Espanhol) pela Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG).



por homens. Por se incomodar com a estereotipada ideia de que mulheres veem o mundo de maneira sensibilizada, Showalter defende que homens e mulheres possuem maneiras distintas de enxergar o mundo. Dessa forma, a autora acredita que a ginocrítica é o processo em que se deixa de relacionar o feminino com as tradições masculinas, dando espaço, enfoque e investigação somente para a atuação da mulher em campos como sociologia, antropologia e psicologia.

Segundo Paula Cristina Cunha (2012, p. 1) tal estereotipação feminina realizada pelo homem na literatura era responsável, muitas das vezes, por enquadrar a mulher em dois extremos: o da mulher idealizada, caracterizada muitas vezes como angelical, e o da mulher diabolizada, em que é caracterizada como bruxa. Percebe-se, com isso, que a literatura masculina também possuía o objetivo de ensinar à mulher qual era o seu lugar na sociedade, e quais eram as funções aceitáveis para a mulher da época, fator que limitava ainda mais a representação do universo feminino.

Nichols também comenta que durante os anos setenta ainda se predominavam na literatura grandes nomes masculinos, mas que já não se tratava mais de uma cultura totalmente tradicional. Começa-se a valorizar na literatura as protagonistas fortes e autênticas. Na França, o processo de liberdade para a mulher na literatura tem grande repercussão, sendo disseminado por movimentos e abertura de livrarias. A autora aponta que as universidades norte-americanas abriram grande espaço para a ginocrítica, especialmente para o estudo do termo na literatura hispânica, enquanto que tal crítica não pôde ser grandemente desenvolvida na Espanha por conta das repressões políticas, além dos recursos escassos que existiam em abundância nas universidades norte-americanas. Essa situação só se modifica na década de 70, quando a literatura feminina possui seu ápice, gerando alguns artigos e ensaios.

Sandra Gilbert e Susan Gubar, também citadas por Nichols, acreditam que aquilo que a mulher escreve tem influência da tradição em que está inserida. Sendo assim, mulheres que escrevem em uma sociedade que dita que devem permanecer caladas sofrem de culpa e ansiedade, fatores que influenciam na literatura que criam. Esses sentimentos podem fazer com que as mulheres, segundo a autora, escrevam textos que obtenham a aprovação do gênero masculino, mas que também expressem um pouco de si mesmas. Sendo assim, o texto feminino possui duas camadas, em que por baixo do superficial existe a verdadeira história da mulher que o escreve, além de suas preocupações quanto à cultura em que está inserida.

Una mujer que escribe en una cultura que le encomienda el silencio padece de sentimientos de culpa, de ansiedad, de profundo malestar, todos los cuales Gilbert y Gubar encuentran codificados o simbolizados en los temas y las imágenes de la literatura de mujer. [...] Buscando la aprobación de sus superiores, escriben obras que parecen apoyar la ideología patriarcal (NICHOLS, 1992, p. 07).



A autora ainda diz que, segundo Carolyn Allen, Judith Gardiner afirma, em seu artigo *On Female Identity and Writing by Women* (1982), que homens e mulheres criam significados distintos e de maneira distinta na literatura. Além disso, diferente de como homens escritores costumam fazer, as escritoras não estabelecem barreiras que as separem de suas personagens, o que permite que o leitor possa também estabelecer uma relação com as protagonistas e identificar-se com elas e suas histórias.

Nichols possui um amplo estudo acerca das obras escritas no pós-guerra, e comenta que ainda que muitas escritoras tenham conquistado seu reconhecimento com a denominada *novela de la mujer*, não houve críticos interessados em analisar essas obras para identificar uma possível tradição própria dessa época. A autora, na parte final de seu livro, se dedica a uma ampla análise de algumas obras de autoria e temática feminina, de autoras como Carmen Laforet, Ana María Matute e Esther Tusquets. A autora comenta que Gênesis é o texto sacro inserido na cultura das protagonistas dessas obras. Tal texto transmite a ideia de que a mulher é frágil e que, conseqüentemente, pertence ao sexo frágil. As diferenças entre os gêneros já podem ser identificadas nesse texto, uma vez que a mulher, expulsa do paraíso, é condenada a viver somente parindo filhos e em função do homem e do sexo, enquanto que o homem, também expulso, recebe uma vida recompensada pelo poder sobre todas as criaturas da Terra.

Tanto a obra de Laforet (*Nada*, 1945) quanto a de Matute (*Primera memoria*, 1960), segundo a autora, giram em torno da temática do amadurecimento da mulher, processo que é caracterizado como uma ruína, da mesma maneira que viver e crescer no meio de uma guerra. As obras tratam, portanto, das memórias da juventude das protagonistas. *Nada*, de Laforet, foi rejeitado por aqueles próximos ao regime, mas por outros foi considerado merecedor de um prêmio semioficial. Isso porque, de acordo com Nichols, *Nada* poderia ser lido como uma condenação do país, por retratar as más questões sociais e morais do pós-guerra.

A história de *Primera memoria*, de Matute, se passa no primeiro ano da guerra civil, intencionalmente ao mesmo tempo em que a protagonista passa pela sua puberdade. Isso se reflete de forma que, segundo a autora, tanto a Espanha quanto a protagonista perdem sua infância. Analisando essa obra, Nichols percebe como o corpo da mulher não é considerado inviolável como o do homem, uma vez que o corpo dos garotos pertence a eles mesmos de uma maneira que o corpo da protagonista Matia não lhe pertence. O espaço dos garotos jamais é invadido, a não ser que eles o permitam, mas essa permissão não é pedida para as garotas.

Nichols também analisa *El mismo mar de todos los veranos* (1978), de Tusquets, que possui como tema central uma mulher adulta que se envolve com uma garota mais nova. Por se tratar de uma história que retrata o amor homossexual, a obra é considerada uma perversão da tradição heterossexual. A autora comenta como na obra de Tusquets é possível identificar o retrato do feminismo e do estruturalismo tardio, principalmente porque o texto possui muitas das reflexões das mulheres feministas, como o falocentrismo, a convicção da ideia da superioridade masculina. Nichols ainda comenta que as duas autoras mais



inovadoras da época são Tusquets e Riera, por características como excluir o nome de suas protagonistas, levando o leitor a se situar por meio dos pronomes.

Des/cifrar la diferencia aborda, assim, diversos aspectos da literatura feminina, crítica feminista e ginocrítica, de maneira a identificar os diferentes processos e tratamentos de mulheres tanto como escritoras quanto como personagens. Nichols elabora uma análise de conteúdo e estrutura das obras citadas, de maneira a entender minuciosamente os propósitos e ideias de cada autora por detrás das obras escritas, algo que críticos e estudiosos não fizeram por essa literatura. Para a autora, estudar todo esse universo feminino e literário

Es enseñar a leer lo anómalo, los súbitos silencios en el discurso, los pequeños rotos o descosidos en el tejido; a entender cómo el ser <<pasivo>> (mujer u otro marginado) disfraza – literariamente – su actividad; el silenciado – literariamente – su grito. Y hacerlo hasta que no sea necesario gritar para que se escuche este susurro que cuenta lo femenino (NICHOLS, 1992, p. 26).

Portanto, a obra de Nichols possui o objetivo de elevar a crítica feminista e a ginocrítica, mostrar a importância dos detalhes considerados banais por tantos anos, de maneira que os silêncios nos discursos deixem de ser silêncios e que já não mais seja necessário que as mulheres gritem para serem ouvidas. O livro é recomendável para aqueles que possuam interesse em estudos da literatura feminina e os processos históricos, sociais e morais que influenciaram e seguem influenciando a voz das mulheres no processo literário.



REFERÊNCIAS

CEIA, Carlos. Ginocrítica (Gynocriticism). **E-Dicionário de Termos Literários de Carlos Ceia**, 2009. Disponível em: <<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/ginocritica-gynocriticism/>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

CUNHA, Paula Cristina Ribeiro da Rocha de Moraes. Da Crítica Feminista e a Escrita Feminina. **Revista Criação & Crítica**, n. 8, p. 1-11, abr. 2012.

NICHOLS, Geraldine C. **Des/cifrar la diferencia: Narrativa femenina de la España contemporánea**. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 1992.

Recebido em: 09/10/2020
Aprovado em: 07/11/2020